

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

A CLASSIFICAÇÃO EXTERNALISTA DO BEHAVIORISMO RADICAL

Mariana Adeline Bazotte de Mello (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Programa de Iniciação Científica); Carlos Eduardo Lopes (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá); Carolina Laurenti (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá).

contato: mariana_abmello@yahoo.com.br

Palavras-chave: Internalismo. Externalismo. Behaviorismo Radical.

Os modelos de psicologia oscilam, geralmente, entre duas tradições, o internalismo e o externalismo. O internalismo explica o fenômeno psicológico com base nas características “internas” dos indivíduos, como a mente ou o cérebro; já no externalismo essa explicação encontra-se no ambiente. No entanto, essa distinção não é tão simples, há diferentes tipos de internalismo, como o eliminativismo e o individualismo; e diferentes tipos de externalismo, como o instrumentalismo e o teleofuncionalismo (BIZARRO, 1999).

Trazendo essa discussão para o Behaviorismo Radical é evidente as críticas de Skinner (2000) às propostas internalistas, que atribuem a causa do comportamento ao homem autônomo ou “eu iniciador”. Em contrapartida, Skinner (2000, 2006) alerta para a importância do papel do ambiente na explicação comportamental e, por isso, sua abordagem é comumente classificada como externalista. Entretanto, essa qualificação fomenta o surgimento de interpretações equivocadas, como as frequentes aproximações do behaviorismo radical com o behaviorismo watsoniano. Além disso, é possível notar na obra skinneriana aspectos incompatíveis com o externalismo. Em *Comportamento Verbal*, por exemplo, logo no início Skinner (1992) afirma que os homens agem no mundo de forma a modificá-lo e, por sua vez, são modificados pelas consequências de seus atos. Essa afirmação não parece permitir a interpretação de que o comportamento teve início no ambiente. Apesar da influência do ambiente, o indivíduo parece apresentar alguma autonomia ao se comportar. Seguindo uma lógica dicotômica, essa inviabilidade de levar a interpretação externalista adiante, permitiria uma aproximação com internalismo, que Skinner tanto criticou.

A partir dessas considerações, o presente trabalho, de natureza conceitual, tem como objetivo tentar esclarecer essa aparente ambiguidade referente às classificações internalista e externalista do Behaviorismo Radical.

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

Os resultados obtidos até o momento vão na direção da construção de uma crítica ao emprego da lógica dicotômica interno-externo na classificação do Behaviorismo Radical. Adotar essa lógica levaria a uma série de dificuldades e, no limite, a incoerências na explicação do comportamento.

Na literatura encontrada, a classificação externalista do Behaviorismo Radical aparece em dois contextos principais: 1) como crítica ao internalismo mentalista; 2) como tentativa de esclarecer as relações com a fisiologia. Vejamos cada um desses contextos.

1) Externalismo como crítica ao mentalismo

A defesa de um externalismo como crítica ao mentalismo é bastante frequente na análise do comportamento. Essa defesa está fundamentada em uma perspectiva dicotômica de comportamento, segundo a qual organismo e ambiente são domínio distintos. Essa relação é linear e possui uma direção, podendo ter como polo de início ambiente ou organismo. No internalismo, esse ponto de início é o organismo, já no externalismo, o ambiente. Modelos de explicação psicológicos fundamentados no internalismo mentalista foram duramente criticados por Skinner (2005), na medida em que considerariam que o comportamento se origina no interior do indivíduo. Como alternativa às posições mentalistas, Skinner (2000, 2006) aponta o papel do ambiente na explicação do comportamento. O comportamento seria resultado da combinação da influência do meio durante a evolução das espécies e, principalmente, na ontogênese. Assim, o homem autônomo é substituído por um ambiente controlador, sendo esse controle exercido na forma de contingências. Seguindo a lógica dicotômica, ao evitar o mentalismo e apontar o papel do ambiente na explicação do comportamento, a explicação se desloca para o polo ambiental e, por isso, as frequentes classificações externalistas.

2) Externalismo como recorte não-fisiológico do comportamento

Tourinho (1999) apresenta o externalismo skinneriano como uma maneira de demonstrar a sua relação com a fisiologia. Essa classificação tem como objetivo destacar a relação de interesse em uma análise comportamental: a interação do organismo com o ambiente, e o Behaviorismo Radical tomaria essa relação como a própria definição de comportamento. Em contraposição, abordagens (neuro)fisiológicas seriam um tipo de

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

internalismo por explicar o fenômeno psicológico mediante “causas neurais”, recorrendo a agentes internos, como o sistema nervoso e o cérebro.

De forma geral, a interação entre as duas ciências está fundamentada na questão do domínio interno-externo, a fisiologia lida com o que está dentro do organismo, já a Análise do Comportamento com o que está fora. Tourinho particularmente defende que eventos internos não seriam importantes para uma análise funcional, em vista de seu valor limitado na previsão e controle do comportamento. Os eventos internos teriam apenas a função de tornar a teoria skinneriana consistente.

3) Críticas à dicotomia interno-externo no Behaviorismo Radical

O pensamento subjacente a classificação internalista e externalista é vítima da dicotomia interno-externo que conduz a uma concepção associacionista de comportamento, característica de uma matriz psicológica mecanicista e atomista (FIGUEIREDO, 1991). Em uma interpretação atomista associacionista, em um primeiro momento, ambiente e organismo possuiriam existências independentes, em seguida, seriam colocados em relação. Há, portanto, prioridade dos elementos em relação em detrimento da própria relação (LOPES, 2008).

Diante dessa situação, defenderemos uma interpretação relacional da teoria skinneriana como alternativa a essa dicotomia. No relacionismo há uma prioridade da relação sobre os elementos relacionados. Ontologicamente, significa que os elementos em relação não existem “fora” dela, antes dela, eles existem no interior da relação desde o princípio. Essa interpretação é incoerente com classificações internalistas e externalistas que dependem de um ponto de referência fixo para que seja possível afirmar que determinado objeto é interno ou externo em relação a outro. No internalismo, o comportamento tem origem no elemento interno, no externalismo, no elemento ambiental. Se o comportamento é relação, qual seria esse ponto de referência? De uma perspectiva relacional, o comportamento tem origem na relação, não há prioridade entre os elementos. Portanto, não é necessário perguntar pelo início do comportamento, retroceder impõe uma linearidade que sustenta tais classificações.

Nesse contexto, asserções como as presentes em *Comportamento Verbal*, que de uma perspectiva dicotômica tornam-se contraditórias com os pressupostos do Behaviorismo Radical, deixam de ser um problema na interpretação da teoria skinneriana. De um ponto de vista relacional, no nível de análise entre organismo e ambiente não existe organismo que não esteja em relação com o ambiente ou ambiente no qual o organismo não esteja presente.

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

Portanto, independentemente das sentenças explicativas iniciarem pelo polo ambiental ou do organismo, não existiria um ponto de início, a explicação permanece relacional. Sendo assim, o relacionismo, por se afastar de uma concepção associacionista vinculada à defesa do externalismo analítico-comportamental, elimina ambiguidades na teoria skinneriana e inviabiliza sua aproximação com o behaviorismo watsoniano.

Referências

BIZARRO, S. L. F. M. **Internalismo e Externalismo**: um debate em filosofia da mente e da psicologia. 1999. 115 f. Dissertação (Mestrado) - Filosofia da Linguagem e da Consciência, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1999.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis: Vozes, 1991.

LOPES, C. E. Uma proposta de definição de comportamento no behaviorismo radical. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 10, n. 1, p. 1-13, 2008.

SKINNER, B. F. **Verbal behavior**. Acton, MA: Copley Publishing Group, 1992. [Publicado originalmente em 1957].

SKINNER, B. F. **Para além da liberdade e da dignidade**. Lisboa: Edições 70, 2000.

SKINNER, B. F. **Questões recentes na análise comportamental**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2005.

SKINNER, B. F. **Sobre o Behaviorismo**. 10. ed. Cultrix, 2006.

TOURINHO, E. Z. Consequências do externalismo behaviorista radical. **Psicologia Teoria e Pesquisa**. v. 7, n. 15, p. 107-115, mai-ago. 1999.